

ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE 1º E 2º GRAUS.

SALETE TEIXEIRA DE LIMA^(*)

I - INTRODUÇÃO

Ao abordarmos este tema torna-se indispensável fazermos a priori uma abordagem resgatando o papel do livro didático nas aulas de Geografia como instrumento principal na transmissão dos conteúdos. E neste contexto cumpre lembrar que toda mensagem trazida pelo livro didático vai transmitir de maneira implícita uma cosmovisão e uma ideologia.

Essa visão do livro didático como um todo nos propiciará um fio condutor em direção ao tema central que é a ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS.

Encontramo-nos ainda diante de outro aspecto que deve ser evidenciado e discutido que é a questão da linguagem visual e suas implicações no contexto das representações cartográficas.

Posteriormente pretendemos proceder a análise de alguns livros didáticos de Geografia editados em diferentes épocas (1925-1988) com o objetivo de estabelecer alguns parâmetros.

Esta análise abrangerá a parte externa e interna dos documentos Cartográficos encontrados nos livros didáticos em questão, tendo como referencial teórico a Semiologia gráfica desenvolvida por Bertin, fundamentada em uma linguagem gráfica clara e precisa. Pois... "os símbolos, não representam apenas conceitos como uma produção meramente intelectual, mas representam também formas do imaginário e podem ser um meio de mascarar a verdade ao invés de dá-la a conhecer". (WERNECK, 1984 p. 93).

(*) - Docente da Universidade Estadual de Maringá-PR. Pós-graduanda da USP.

II - OS "MEANDROS IDELÓGICOS" DO LIVRO DIDÁTICO NA AÇÃO PEDAGÓGICA

Atualmente sem dúvida o instrumento mais usado pelo professor de Geografia em sala de aula é o "Livro Didático". Este (em sua grande maioria) apresenta "sugestões pragmáticas" oriundas das Secretarias de Educação Estaduais, é que define O QUE e o COMO em termos de conteúdo programático, ocorrendo assim uma inversão: o livro didático objeto do conhecimento transforma-se em sujeito do processo ensino aprendizagem... com aval de professores e alunos.

O livro didático não passa de uma mercadoria que é produzida em série e aos milhares não levando em conta as diversidades regionais voltadas a interesses lucrativos de grupos editoriais e transmitindo a ideologia do poder dominante.

O professor atualmente através do uso do livro didático tem a ilusão de estar contribuindo para uma educação "livre" voltada para as necessidades do aluno, e fazendo na realidade o "jogo" do sistema. Esses livros em sua maioria "atuam como difusores de preconceitos" (FARIA, 1985 p.6) os quais aparecem camuflados sob uma suposta "neutralidade". Apresentam visões falaciosas do mundo onde... a sociedade é explicada a partir do espaço natural, o "Estado é visto como algo neutro que apazigua o conflito, e acaba sendo identificado à Nação (VESENTINI, 1982 p.204), os mapas de vegetação natural são constantes... quando na realidade a vegetação é quase inexistente... dificilmente se verifica a tentativa em relacionar o quadro social ao natural etc.

E diante deste contexto indagamos: O livro didático é um instrumento utilitário para a escola ou para o professor com idéias libertárias? ou constitui-se apenas de um produto gerado pelo domínio do capital que tudo transforma em mercadoria?

Na verdade sabemos que os livros didáticos não tem por objetivo desenvolver no aluno o senso crítico, a criatividade e o raciocínio lógico, explicado na ausência do questionamento em relação ao social, e nas características marcantes de "divulgador de conhecimentos" e enaltecedor da paisagem.

Portanto cabe ao professor analisar o livro didático, perceber suas falhas e tentar articular uma metodologia diferente que venha a tornar a Geografia mais real e estimulante.

Assim FREITAG afirma "o ponto nevrálgico do livro didático na escola é sem dúvida o professor".

E como procederemos a análise nos itens seguintes a livros didáticos editados a partir de 1925, gostaríamos de fazer uma breve retrospectiva relacionada ao contexto que envolve o livro didático.

O surgimento do livro didático data do século XVII destinado à aprendizagem e formação, aumentando sua difusão no séc. XIX. Fato este ligado ao aperfei-

SALETE TEIXEIRA DE LIMA

çoamento de técnicas de ensino e teorias de aprendizagem, mas sobre tudo pelas necessidades de expansão capitalista que precisava preparar recursos humanos por treinamento técnico, militar e industrial. A partir do séc. XX com a difusão dos exames públicos os livros foram disseminados a grande parte da população estudantil.

"A banalização e unidimensionalização dos temas nos livros didáticos decorrem da necessidade do mundo capitalista de padronizar tudo e submeter todos à lógica e ao ritmo de sua produção. Diante deste enfoque o livro didático passa a ser uma peça de engrenagem de produção e reprodução do sistema." (SCHÄFFER, 1988 p.5)

Até o sec. XIX os livros vem de Portugal para o Brasil. Após 1808 com a vinda da família real para o Brasil e o surgimento de várias escolas aumenta a publicação de livros didáticos.

Na década de 20 surge uma política para o Livro Didático que vai se efetivar no Estado Novo. Segundo FREITAG (citado por SCHÄFFER, 1988, p. 5) "o livro didático no Brasil é uma consequência direta da Revolução de 30, quando se desenvolve no país uma política progressista com pretensão democrática e aspirações de um embasamento científico".

Em 1937 é criado o Instituto Nacional do Livro anexo ao Ministério da Educação. Em 1938 o livro didático é definido como "Compêndios que expunham total ou parcialmente a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares" - criada a Comissão Nacional do Livro didático implanta-se oficialmente o controle político-ideológico que segundo Capanema (ministro da Educação do Estado Novo) "a educação não é neutra, mas precisa ser conduzida pelas diretrizes do sistema que representa as bases da Nação. Por isso a educação deve estar sob a proteção, e controle e defesa do Estado".

A partir de 1964 o programa MEC-USAID (64-69) cria a COLTED (Comissão do Livro Técnico e Didático) que acabou por ser denunciada como órgão de controle americano no processo educacional brasileiro.

Em 1971 é criado o Programa do Livro Didático-PLID passando a FENAME em 1976. Com a competência de distribuir editorial, definir diretrizes quanto a produção, etc...

Em 1980 surge uma política voltada ao aluno carente através dos Programas PLIDEF/PLIDEN/PLIDESU (Programas do Livro Didático do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) passando a FAE em 1983.

Desde 1985 vem sendo solicitado aos professores que indiquem o livro didático a ser adquirido pelos Estados.

Portanto a política do livro didático no Brasil nas últimas duas décadas vem seguindo a mesma orientação do período anterior, vinculada ao Estado, que define o material a ser utilizado no processo ensino-aprendizagem.

Atualmente muito se tem criticado o critério gratuito de distribuição de livros didáticos evidenciando o caráter assistencialista do Estado (o grande comprador de

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

livros didáticos) que esconde seu descompromisso para com a educação realmente.

Segundo Freitag (1987) desde 1964 a legislação educacional se mostrou a mesma dependente dos CFE e CEE; dos Pareceres emitidos por estes conselhos, SEEDs e Guias Curriculares, que tem servido de apoio a autores e editoras como suporte à produção descontrolada e barateada de livros didáticos. Metade dos últimos títulos vendidos hoje no Brasil são de livros didáticos, que representam alto negócio e grande circulação de dinheiro, sustentando inclusive várias Editoras.

Portanto aí encerra "o duplo aspecto do livro didático, ao seu valor social (instrumento de educação e poder) e o seu valor de troca para o produtor, encerra, ao nosso ver, uma contradição: ao Estado e as classes dominantes como um todo interessam manuais que reproduzam sua hegemonia, e às editoras interessa basicamente os lucros" (Vesentini, 1982, p. 206).

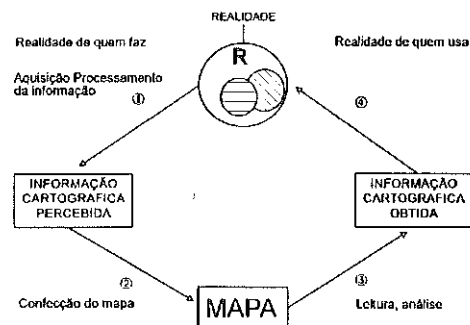
A partir deste enfoque conjuntural sobre o livro didático passamos a analisar nos itens seguintes as representações cartográficas neles contidas e suas implicações.

III - O "INTRICADO MUNDO" DA COMUNICAÇÃO CARTOGRÁFICA

Com a evolução das ciências nas últimas décadas tem havido uma preocupação de alguns cientistas com a questão da "Comunicação Cartográfica" e seus efeitos. Surgiram várias teorias e entre elas as de Kolányi, Keates, Rastajski, Salichtchev, Petchenik e outros.

O cerne da questão está centrado na relação existente entre o "mapeador" (que confeciona o mapa) e o usuário passando pelo processo psicológico que ocorre na compreensão da linguagem cartográfica proposta.

Cada uma dessas teorias explica esse processo com a visão peculiar de seu autor, portanto escolhemos o esquema abaixo para sintetizar esta preocupação.



SALETE TEIXEIRA DE LIMA

Este esquema nos mostra a conexão existente entre a criação do mapa a partir da realidade observada pelo cartógrafo e a obtenção da informação a partir do mapa pelo usuário. Nesta relação influem vários aspectos, experiências e habilidades anteriores, processos psicológicos, ideológicos etc., interferindo muitas vezes na comunicação... a realidade muitas vezes deixa de ser apreendida pelo usuário devido aos "ruídos" assim provenientes, interferindo nessa relação.

Portanto o processo da Comunicação Cartográfica é muito complexo operando através de circuitos de retroalimentação em diversos níveis. Afirmar esta reforçada por Kolácny quando diz:... "produção e uso de mapas devem ser considerados como processos, nos quais a informação cartográfica se origina, é comunicada e produz um efeito" e assim sucessivamente através de "Feedback".

No entanto a representação cartográfica não veicula apenas a transmissão mas também o enriquecimento da informação, atribuindo-lhe valor cognitivo. O receptor deve ser capaz de construir o "significado" a partir de estímulos físicos, do mesmo modo que o emissor da mensagem o construiu.

A linguagem cartográfica está estreitamente ligada à Semiótica que se utiliza de Signos para representar o objeto que corresponde à realidade. Neste contexto surge a indagação - "Como digo o que para quem?" (Koeman, 1971) questionamento que está implícito nas regras da Comunicação cartográfica.

O "como" dizer algo em linguagem cartográfica pode ser respaldado na Semiologia Gráfica de Bertin que estabelece parâmetros para que a imagem visual possa ser melhor compreendida.

Segundo BERTIN (1980) todo mapa é construído a partir de uma tabela de dupla entrada onde as linhas indicam objetos e as colunas os atributos. O ponto correspondente ao cruzamento das duas variáveis (x e y) pode indicar relações de ordem, proporção quantitativa, relações de diversidade ou similaridade, implantados de forma pontual, zonal e linear.

"O que dizer?" ou seja que informação deve estar contida no mapa e transferida para o usuário? É necessário que os dados quantitativos ou qualitativos sejam reais, confiáveis e claros em sua apresentação.

"Para quem?" se dirige também a informação gráfica como processo, pois como já enfatizamos anteriormente o documento cartográfico deve estar adaptado ao tipo de usuário a que se destina, caso contrário não atingirá seu objetivo.

Conseqüentemente, a "Linguagem Cartográfica" empregada nos livros didáticos deve ser clara, precisa e acessível, capaz de atingir o usuário.

IV - AS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS EXISTENTES NO LIVRO DIDÁTICO

O que se pretende neste item é correlacionar as questões discutidas anteriormente e proceder a análise de alguns livros didáticos para que possamos concluir como se apresenta a cartografia existente nos livros didáticos.

A priori pela experiência que tivemos ao trabalhar com 1º e 2º graus, fazendo uso do livro didático como um dos instrumentos de ensino sabemos que em sua grande maioria as representações cartográficas aparecem como ilustração e muitas vezes nada tem a ver diretamente com o texto ao lado.

E aqui cabe levantar uma questão - Porque tantas ilustrações fora do contexto? Com que objetivo autores e editoras produzem livros didáticos com essa característica?

Para procedermos a uma análise mais real deste tema nos propusemos a analisar seis livros didáticos editados entre 1925 e 1989 de autores diversos conforme constamos abaixo:

1 - NOVAES, Carlos, *Geographia Secundária*, São Paulo, Livraria Francisco Alves, 7ª Ed. 1925.

2 - CARVALHO, M.C.V. & SOUZA, A.P. (sob a direção de Pierre Monbeig) *Geografia de hoje*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1944.

3 - AZEVEDO, A. *Geografia Humana do Brasil*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 7ª Ed., 1953.

4 - MOREIRA, I. *O espaço Geográfico - Geografia Geral e do Brasil*, São Paulo, Ática, 1975.

5 - LUCCHI, E. A. *Geografia geral*, São Paulo, Editora Saraiva, 1982.

6 - PEREIRA, D., SANTOS, D. & CARVALHO, M. *Geografia Ciência do Espaço Brasileiro*. São Paulo, Atual Editora, 1988.

Optamos por uma abordagem com características retrospectivas motivada pelo questionamento: Que mudanças podem ter ocorrido na Cartografia existente no Livro Didático de 1925 a 1989?

Os resultados do levantamento

Os dados apurados neste levantamento aparecem fortemente impregnados de ideologia dominante confirmando a afirmação de MARTINELLI (1986) "a história dos mapas mostra-nos claramente que eles sempre estiveram a serviço do poder na dominação das terras e dos homens e da ideologia no ensino de geografia".

SALETE TEIXEIRA DE LIMA

Grande parte dos mapas analisados apresentam uma Anamorfose de cunho evidentemente ideológico... (levando a alienação).

Encontramos mapas, gráficos, figuras e fotos distribuídos em diferentes quantidades e formas, com o predomínio de figuras e fotos conforme já destacamos anteriormente.

Dos livros analisados apenas um abuse da variável *cor*, nos demais as representações cartográficas se utilizam do preto/branco e ocre, além das variáveis forma, orientação, valor e granulação na maioria dos casos (nos livros mais antigos) com muita propriedade e clareza.

Muitas das ilustrações encontradas são sub aproveitadas, existindo portanto outras com acúmulo de informações provocando "ruído" ao leitor, ao receber a informação.

Nos seis livros didáticos analisados encontramos 328 fotos, (37,40%) - 234 mapas (26,68%) - 230 figuras (26,22) e 85 gráficos (9,7%)... assim distribuídos:

LIVRO Nº 01 - (1925) com 478 páginas e 109 representações gráficas, numa proporção de 4,38 páginas por ilustração. Contando com:

FOTOS	67
FIGURAS.....	24
MAPAS.....	14
GRÁFICOS	04

Apresenta documentos cartográficos em preto/branco sem escala, fonte, orientação e algumas vezes legenda, porém são harmônicos e relativamente legíveis. (representado graficamente no ANEXO 01)

LIVRO Nº 02 - (1944) com 477 páginas e 135 representações gráficas, numa proporção de 3,5 páginas por ilustração. Contando com :

FOTOS	71
FIGURAS.....	07
MAPAS.....	57
GRÁFICOS	não contém

Também apresenta os documentos cartográficos em preto/branco com escala, orientação, título e fonte na maioria ausentes. Os mapas e figuras são muito bem confeccionados usando as variáveis orientação, valor, e granulação na representação das informações. (ANEXO 02)

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

LIVRO Nº 03 - (1953) com 243 páginas e 89 representações gráficas, numa proporção de 2,7 páginas por ilustração. Contando com :

FOTOS	45
FIGURAS.....	09
MAPAS.....	22
GRÁFICOS	13

Os documentos constantes são em branco/preto representando as informações através das variáveis orientação, valor e granulação. Os documentos são bem elaborados mas como os demais anteriormente citados não possuem escala, orientação e fonte. (ANEXO 03)

LIVRO Nº 04 - (1975) - com 272 páginas e 151 ilustrações, numa proporção de 1,8 páginas por ilustração. Contando com:

FOTOS	41
FIGURAS.....	19
MAPAS.....	50
GRÁFICOS	41

Este livro apresenta todas as suas ilustrações coloridas; usando apenas a variável cor e valor, nos mapas, de forma muitas vezes confusa e de difícil interpretação, assumindo muitas vezes características de um documento inútil. Há um predomínio de gráficos em relação aos demais analisados, fato explicado pelo uso da quantificação em grande escala na época norteador pelo Paradigma Quantitativo surgido na Geografia. (ANEXO 04)

LIVRO Nº 05 - (1982) - Com 199 páginas e 276 representações gráficas, numa proporção de 0,72 páginas por ilustração. Contando com :

FOTOS	98
FIGURAS.....	139
MAPAS.....	28
GRÁFICOS	11

Todas as representações gráficas apresentam as cores: branco, preto e ocre. Utilizando ainda as variáveis granulação, orientação e forma.

SALETE TEIXEIRA DE LIMA

As ilustrações se apresentam de forma desordenada, as vezes uma página chega a conter 3 a 4 e para explicar um assunto utiliza-se de 5 a 6 representações.

Dos livros pesquisados este é o que apresenta o maior número de figuras e fotos em detrimento dos mapas e gráficos; e estes quando aparecem são de péssima qualidade (difícil compreensão pelo usuário), não apresentam legenda, escala, fonte, orientação e às vezes nem título. (ANEXO 05)

LIVRO Nº 06 - (1988) - Com 294 páginas e 147 representações gráficas, numa proporção de 2 páginas por ilustração. Contando com:

FOTOS	06
FIGURAS.....	32
MAPAS.....	63
GRÁFICOS	46

O autor não usa a cor como variável, utilizando-se apenas do valor e orientação. Há predomínio dos mapas e gráficos, contendo apenas uma informação em cada um. São documentos de fácil compreensão mas como os anteriormente analisados também não possuem escala, fonte, orientação, etc. (ANEXO 06)

Encontramos nos livros analisados o predomínio de mapas com a função apenas de localização e em menor número alguns que apresentam as informações de forma quantitativa, qualitativa e ordenada, permitindo às vezes um certo grau de raciocínio.

Quando é enfatizada a localização nos mapas, são respondidas apenas as questões - "onde?" e "o que?" num primeiro momento. Com uma análise mais detalhada pode-se obter resposta para o "porque?".

Em alguns mapas temáticos onde as informações são mais detalhadas e bem representadas podem ser respondidas as questões: "o que?" "onde?" "como?" "quanto?" "quando?" e "por que?" possibilitando um maior entendimento dos fatos.

Ao realizar a análise externa dos livros pudemos constatar que em sua maioria não apresentam escala, fonte, orientação, data dos dados e alguns nem mesmo contam com legenda e título. Em alguns documentos o título nada tem a ver com a informação sugerida, ou ainda ressaltam informações não mapeadas. Outras representações aparecem descontextualizadas com a finalidade apenas de ilustrar e desviar a atenção do usuário ao que é realmente importante do texto.

Não é constatada correlação entre as informações nos documentos, apresentando mapas de categorias distintas em aspectos físicos, humanos e econômicos com o predomínio do primeiro.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

Quanto ao nível de organização o Seletivo é o mais utilizado, com a finalidade de apenas ordenar os fatos; devido ao predomínio dos mapas objetivando localização. Os níveis ordenado e quantitativo também aparecem em muitos documentos, principalmente para representar relevo, chuvas, temperatura, população entre outros temas.

V - CONCLUSÃO

Pelo que foi exaustivamente exposto pudemos concluir que as representações gráficas existentes nos livros didáticos é pouco explorada, não cumprindo sua verdadeira função. Muitos não estão ligados ao texto, apresentando-se incompletos dentro de uma suposta "neutralidade", não correlacionando assuntos que levem ao esclarecimento, ao raciocínio, mas apenas informando.

Cabe portanto indagar se a Geografia tem como objeto a descrição do espaço ou, se esse espaço, condição e resultado de uma produção das diversas sociedades, deve ser compreendido, analisado e criticado através da linguagem cartográfica oferecida nos livros didáticos?

Indagação esta que pode ser elucidada por WERNECK (1984) quando diz: "...a consciência crítica, objetivo da educação, possibilitaria ao educando decodificar as mensagens codificadas, selecionar de acordo com os critérios as idéias que se lhe apresentassem, as tradições e os conhecimentos científicos, e assim, a ultrapassar o conformismo, a acomodação, a submissão, a irracionalidade, para atingir a coerência entre o pensar e o agir".

As representações cartográficas existentes nos livros didáticos não podem continuar sendo construídas de forma alienante, descontextualizadas, incompletas, fora dos padrões compreensíveis da comunicação cartográfica; é imprescindível que essa forma de comunicação seja dinamizada visando um maior esclarecimento e compreensão do espaço como "produto social" no qual todos os cidadãos estão inseridos, tornando-se "um instrumento de luta nas reivindicações em prol de uma sociedade mais justa" (MARTINELLI, 1986).

"A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares : o CERTO de uma cultura evoluida torna-se VERDADEIRO nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre a escola e a vida e, por isso, não existe unidade entre a instrução e a educação." GRAMSCI, 1968.

VI-BIBLIOGRAFIA

- BERTIN, J. (1978) Théorie de la Communication et Theorie Graphique. In: Malanges Charles Morazé. Toulouse, Privat,6p. (Tradução Marcelo Martinelli).
- BERTIN, J. (1980) O teste de base da Representação Gráfica. *Revista Brasileira de Geografia* 42 (1) Rio de Janeiro, IBGE.
- BERTIN, J. & GIMENO, R. (1982) A lição de Cartografia na escola elementar. *Boletim Goiano de Geografia* 2 (1):25-56.
- CASTROGIOVANNI, A.C. & GOULART, L.B. (1988) A questão do livro didático em Geografia. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 16.
- FARIA, A.L.G. (1985) Ideologia no livro didático, São Paulo, Cortez editora.
- FREITAG, B. & OUTROS (1987) O Estado da arte do livro didático no Brasil, Brasília, REDUC/IMEP.
- GRAMSCI, A. (1968) Os intelectuais e a organização da Cultura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- KOEMAN, C. (1971) Cartography as means of expression and communication. In The principle of communication in cartography. International Year Book of Cartography 11:176-179.
- KOLACNY, A. (1977) Informação Cartográfica - conceitos e termos fundamentais na cartografia moderna. *Cartographica* 19:39-45.
- LE SAN, J.J.G. (1983) Documento Cartográfico: considerações gerais. *Revista Geografia e Ensino* 1(3):3-17.
- MARTINELLI, M. (1984) Comunicação cartográfica e os atlas de planejamento. Tese de doutoramento apresentada ao Depto. de Geografia da F.F.L.C.H. da USP.
- MARTINELLI, M. (1986) O mapa do geógrafo: desenho ingênuo ou instrumento estratégico? In AGB, ed. Anais do VI Encontro Nacional de Geógrafos, Campo Grande, p.55.
- MARTINELLI, M. (1988) Orientação semiológica para as representações da Geografia: mapas e diagramas. *Revista Orientação* 8.
- SANTOS, M.D. & LE SAN, J.G. (1985) A cartografia do livro didático de Geografia. *Revista Geografia e Ensino* 2(7):3-38.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

- SCHAFFER, N.O. (1988) O livro didático e o desempenho pedagógico. Boletim Gaúcho de Geografia 16.
- SIMIELLI, M.E.R. (1986) O mapa como meio de comunicação. Tese de doutoramento apresentada ao Depto. de Geografia da F.F.L.C.H. da USP.
- VESENTINI, J.W. (1982) O livro didático de Geografia para o 2º grau: algumas observações críticas. In AGB, ed. Anais do V Encontro Nacional de Geógrafos v.1:199-209, Porto Alegre.
- VLACH, V.R.F. (1982) Algumas reflexões atinentes ao livro didático de Geografia do 1º grau. In AGB ed. Anais do V Encontro Nacional de Geógrafos. v.1:210-219, Porto Alegre.
- VLACH, V.R.F. (1988) Polemizando a questão: o livro didático de Geografia no ensino de 1º e 2º graus. Cadernos de Geografia, 1.
- WERNECK, N. (1984) Introdução à geografia - Geografia e Ideologia. 4ª ed., Petrópolis, Vozes.

RESUMO

Este trabalho procura fazer uma análise do livro didático de Geografia-1º e 2º graus, abordando de forma mais enfática as Representações Cartográficas nele contidas.

Visando estabelecer parâmetros e atingir os objetivos propostos faz-se a análise de alguns livros editados em diferentes épocas. Esta análise tem como referencial teórico a semiologia gráfica desenvolvida por Bertin, fundamentada em uma linguagem gráfica clara e precisa.

Palavras chaves:

Representações cartográficas, Livro didático, Professor, Ideologia, Educação, Ensino, Neutralidade.

ABSTRACT

This work seeks to make an analysis of the first and second degree Geography textbooks, approaching in a more enfatic manner the cartographic representation contained in them.

Aiming to establish parameters and obtain the proposed intent an analysis of some books edited at difrent times is done. This analysis has a theoretical reference the graphic semiology desenvolved by Bertin, fundamented in a clear and precise graphical language.

Key-words:

Cartographic representations, Textbooks, Teacher, Ideology, Education, Teaching, Neutrality.